

Suassuna antecipa relatório

Olímpio Cruz Neto
Da equipe do **Correio**

A sala mudou, os ânimos nem tanto. Quando o relator Saturnino Braga (PSB-RJ) leu finalmente a palavra-chave em seu relatório, às 11h57, recomendando a abertura do processo de cassação de Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido-DF), já não era surpresa. “Deste processo resultou patente a existência de indícios bastantes de prática de atos contrários à ética e ao decoro parlamentar, de modo a justificar a abertura de processo de cassação, mediante as competentes representações contra os senadores por fato sujeito a pena de perda de mandato”, concluiu Saturnino.

Não havia surpresa porque, mais de uma hora antes, todo mundo já sabia o que viria. O responsável tinha sido o senador Ney Suassuna (PMDB-PB).

Ele antecipou o conteúdo do relatório aos jornalistas, que correram para fora da sala 2 da Ala Nilo Coelho, no anexo do Senado, para ver a cópia do documento que Suassuna entregava nas mãos. Na prática, o senador paraibano antecipou o relator, dando em primeira mão, às 10h45, o que Saturnino iria dizer pouco mais de uma hora depois. Quinze minutos mais tarde, voltava à sala de reuniões para distribuir bombons a parlamentares — e até para uma assessora de ACM — com a cara de quem não tinha aprontado.

A única surpresa acabou mesmo sendo o fato de o conselho ter deixado a sala 7 da Ala Alexandre Costa e se reunido no mesmo lugar onde funcionaram as mais importantes Comissões Parlamentares de Inquérito da história recente do país, como a CPI dos Precatórios e a de Collor. A sessão só não transcorreu em clima mais morno por conta de um coadjuvante. Alegando os

problemas que teve no final de semana anterior, quando encanou os espinhos de um pequi na cidade goiana de Perinópolis, Saturnino pediu para ser poupado da leitura das 24 primeiras páginas do relatório.

“Ainda estou com a boca molestada e dolorida”, justificou o relator. O escolhido pelo presidente do conselho, Ramez Tebet (PMDB-MS), foi Casildo Maldaner (PMDB-SC). De pronto, o senador catarinense mostrou o que viria dali para frente. “O que não faz o pequi às vezes, né?”, brincou. O ambiente ficou mais descontraído depois de 40 minutos de leitura. O senador catarinense interrompeu para perguntar ao plenário do Conselho se estava lendo rápido demais. “Tá ótimo, tá ótimo”, respondeu Marina Silva (PT-AC).

Às 11h32, Saturnino passou a ler o seu voto. E aí, a leitura, que vinha com uma conotação mais bem-humorada, ganhou tons sóbrios. Um pouco tenso, o relator mostrou secamente o que pesava contra ACM e Arruda. “Os senadores foram confessadamente coniventes com a fraude e a encobriram até o ponto em que os próprios fatos desmentiram”, afirmou, depois de declarar que era desprovida de qualquer verossimilhança a versão de Arruda de que teria apenas consultado Regina Borges sobre a segurança do painel.

Quando Saturnino acabou de ler o relatório, o desespero estava estampado nos carlistas. Entrou em cena o senador Paulo Souto (PFL-BA), seguindo o roteiro previamente traçado pelos advogados Luiz Vicente Cernicchiaro e Márcio Thomaz Bastos. “Peço vistas dos autos”, anunciou Souto. Tebet acolheu o pedido de vistas, comunicou que a votação seria aberta, e outro carlista entrou em cena. Waldeck Ornelas (PFL-BA) tentou com argumentos jurídicos derrubar o voto aberto. Não conseguiu. “Isso já está vencido”, resumiu Ramez Tebet.

Ronaldo de Oliveira



SUASSUNA (C), AO LADO DE TEBET (E), ABRAÇA SATURNINO: BOMBONS PARA OS PARLAMENTARES